



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

A Jornada, a Origem e a Vida:
Presença de Mercúrio e Baco em *Primeiras estórias*

Amanda Lisbôa Marinho da Silva

Rio de Janeiro
2019

AMANDA LISBÔA MARINHO DA SILVA

A Jornada, a Origem e a Vida:
Presença de Mercúrio e Baco em *Primeiras estórias*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras na habilitação
Português/Latim.

Orientadora: Professora Doutora Maria Lúcia Guimarães de Faria

RIO DE JANEIRO
2019

Agradecimento

Antes de qualquer coisa, eu agradeço ao Universo, uma força a qual não consigo explicar, nem entender completamente, mas que regulou toda a minha vida até este momento. Posso dizer tranquilamente que cada coisa na minha vida – desde coisinhas pequenas que aprendi com minha família e amigos até livros que li na adolescência – me encaminhou para este momento, da mesma forma que me encaminhou para o Latim. Ao escolher cursar Latim eu estava dando um grande passo na minha vida, um passo incerto e difícil, mas que no fim me trouxe até aqui. Por isso, eu me sinto completa e agradecida. Eu amo quem eu sou hoje e o Latim – e essa monografia – são parte de quem sou.

Agradeço aos meus pais que sempre desejaram o melhor para mim e me encorajavam a dar sempre o meu melhor. Eles não questionaram ou tentaram impor em mim seus desejos – meu pai até que tentou, mas não aceito palhaçada pra cima de mim – e, devido a isso, pude ser feliz na Letras.

Agradeço ao meu namorado que nunca duvidou da minha capacidade, mesmo quando tudo que eu sentia era medo e insatisfação comigo mesma, e me apoiou nos meus piores momentos – não fez mais do que a obrigação dele, afinal eu fazia o mesmo por ele.

Agradeço a UFRJ e, principalmente, ao Departamento de Clássicas que me formaram academicamente e se tornaram minha segunda casa. Agradeço também a todos os professores que passaram pela minha vida, sejam eles professores de Português, Literatura ou Latim, todos acrescentaram alguma coisa na minha vida e tiveram um grande significado pra mim.

Agradeço a banca – mais conhecida como Arlete – por ter aceitado ler a minha monografia e por ter me assistido na apresentação mais importante da minha vida, e agradeço ainda mais por ter me reconfortado no final da apresentação e elogiado o meu trabalho. Sua opinião significa muito pra mim.

Por fim, agradeço a Maluh que, mesmo sem saber, alegrava meu dia com a aula dela. Toda vez que eu ia para as aulas – as vezes sem querer nem levantar da cama – e ouvia ela falando com tanto amor sobre os contos, falando com tanta paixão sobre o Menino, eu me sentia tão bem, tão feliz, que eu tinha que me segurar para não chorar. Parecia até que ela falava sobre “encontrar o nosso verdadeiro eu” diretamente para mim e foi isso que me fez finalmente decidir o que eu queria, descobrir quem eu era e encontrar meu caminho de volta para o Latim. Maluh e Guimarães Rosa trouxeram de volta a Amanda que eu poderia ser e por isso eu sou eternamente grata.

*“Words are flowing out
Like endless rain into a paper cup
They slither while they pass
They slip away across the universe
Pools of sorrow, waves of joy
Are drifting through my opened mind
Possessing and caressing me*

Jai Guru Deva”

Across the universe - Beatles

Sumário

1. INTRODUÇÃO	6
2. DESENVOLVIMENTO	
1. O que é um “deus”?	8
2. Mercúrio	9
3. Baco	11
4. Primeiras estórias	14
5. As margens da alegria	15
6. Os cimos	18
3. CONCLUSÃO	21
4. ANEXO	
1. As margens da alegria	22
2. Os cimos	26
5. BIBLIOGRAFIA	32

Introdução

A vida é repleta de contrários, queiramos admitir ou não. Para o dia, há a noite. Para a lucidez, a loucura. Para a vida, a morte. Para o tudo, o nada. Os contrários, forças abstratas de caráter positivo ou negativo, existem em pares de forma complementar: um existe para equilibrar e completar o outro. Estas forças conversam e interagem infinitamente, nunca se anulando, sempre se complementando. Dessa forma, a morte existe para equilibrar a vida, o dia para completar a noite, e assim por diante. Não podemos eleger um em detrimento do outro; quem escolhe a beleza da alegria deve aceitar também a tristeza e tudo que ela traz consigo.

É a partir da interação dos contrários que surgem as coisas e é possível notar a presença destes em todas as esferas da vida: na natureza, nos animais, no homem e na existência de forma geral. Cada coisa que existe carrega em si os contrários que impregnam tudo com possibilidades. Quem reconhece em si os contrários, os aceita e os põe para trabalhar em conjunto, como sempre deveria ser, atinge o equilíbrio, recebe a vida de forma completa. Quem escolhe viver apenas um lado dos contrários vive com um pedaço faltando, torna-se incompleto.

A luta interminável do homem é encontrar em si os contrários e aprender a conviver com eles. O homem ocidental vive esse dilema há tempos, escolhendo ignorar seu lado terreno e ignorando o corpo; ou escolhendo viver completamente pela carne, se esquecendo de sua mente. As duas escolhas constituem decisões perigosas. Uma vez que este é formado sempre de duas partes, é necessário viver as duas, não separadamente, mas de forma em que estas conversem entre si.

A Antiguidade, ainda hoje, é responsável por muitos de nossos pensamentos ocidentais modernos. Platão está inserido tão fortemente em nossa sociedade que, ainda que não sejamos capazes de retomar quem pôs em palavras este fenômeno, mantemos a ideia de que o mundo é um símile do ideal. Durante tantos séculos, elegemos a razão como forma certa de se viver e julgamos quem prefira viver pelos sentimentos. Elevamos a mente e sua forma lógica e criticamos quem escolha o corpo e suas sensações. De toda forma, não há uma escolha correta. Não devemos selecionar a mente, tampouco o corpo; a decisão correta é aceitar que, para existirmos de forma plena, precisamos tanto da mente quando do corpo, precisamos da vida e também da morte, precisamos da alegria e da tristeza e etc.

O que ignoramos durante todo o tempo, e já estava também presente na Antiguidade, era o equilíbrio. Dentre todas as filosofias, todas as formas de se pôr diante da vida, o equilíbrio era uma delas. Podemos reconhecer o equilíbrio dos contrários em duas figuras do panteão greco-romano: Mercúrio e Baco.

Mercúrio, mensageiro dos deuses, deus dos ladrões, deus da jornada e guia das almas. Baco, deus do vinho e da vinha, deus da loucura e da festa, deus da vida. Figuras tão diferentes entre si e ainda assim tão similares, ambos contêm elementos que poderiam ser

tomados como contraditórios, mas configuram forças complementares. As duas divindades são o que são, aquele deus da jornada, este deus da vida, porque compreendem equilibradamente os contrários complementares. Por apresentarem tão fortemente os contrários complementares, os dois deuses podem ser considerados divindades de caráter originário, já que encerram em si a originalidade das forças abstratas que dão vida às coisas.

Durante séculos, a *Teogonia* e as *Metamorfoses*, ambos textos-gênese, ecoaram em nossos ouvidos, soprando a origem do Mundo, da Noite, do Amor, da Fome e da Vingança. Sempre lidando com os contrários que interagem entre si, criando e destruindo, estas obras trouxeram de forma poética a origem de tudo que existe. *Teogonia* cantou a origem dos deuses e do mundo; *Metamorfoses* cantou a origem das coisas – plantas, constelações, animais – e de Roma. Nestas obras, podemos verificar a importância dos elementos contrários na gênese do mundo e na gênese de todas as coisas que existem nele.

Se para a Antiguidade houve estas obras que cantam a origem das coisas a partir das forças abstratas contrárias complementares, para a Modernidade houve também uma obra-gênese: *Primeiras Estórias*. Formada por contos independentes, porém complementares, a obra de Guimarães Rosa narrou a origem do homem. Esta trouxe histórias de homens, mulheres e crianças que, em um único momento, passaram de seres passivos e fragmentados à seres ativos, atores e autores de sua própria vida, e completos.

Estes personagens, antes ignorantes dos contrários que os formavam, após viverem os acontecimentos narrados nos contos, aprendem sozinhos sobre a existência dos contrários e, a partir desse conhecimento, são capazes de acessar a origem de seu ser. Libertam-se da mesmice, da vida automática, das apatias e dos medos e se reinventam. Tornam-se finalmente quem deveriam ser, atingem o nível da possibilidade e vivem de forma completa.

A obra de Guimarães Rosa, tão repleta destas forças abstratas quanto *Teogonia* e *Metamorfoses*, desvenda os enigmas da vida humana, esclarece a principal luta do homem moderno: a dificuldade em aceitar a ambivalência da vida e de encontrar o seu verdadeiro eu.

Neste presente trabalho, apresentaremos uma análise dos contos “As margens da alegria” e “Os cimos”, ambos presentes em *Primeiras Estórias*, uma vez que apresentam o mesmo personagem, portanto contêm a mesma evolução pessoal. Os contos selecionados para a análise constituem o primeiro e último contos presentes na obra, assim iniciam e encerram a temática da obra.

Levaremos em conta não apenas o enredo dos contos, mas também a forma, atentando para a construção do conto, como as escolhas semânticas, lexicais, fonológicas, etc. Levantaremos a presença dos contrários complementares e a importância destes no desenvolvimento do enredo. Advogaremos a presença dos contrários complementares verificados nas figuras dos deuses Mercúrio e Baco e do caráter originário da obra,

equivalendo esta com os textos-gênese conhecidos da Antiguidade, *Teogonia* e *Metamorfoses*.

Desenvolvimento

1 O que é um “deus”?

Antes de alcançarmos uma análise das duas figuras selecionadas para auxiliar na análise dos contos, as figuras de Mercúrio e Baco, deuses pertencentes da cultura greco-romana, é necessário discorrer sobre o que constitui um deus, o que é possível verificar na configuração deste ser: o que é um deus e como devemos enxergar sua imagem?

Neste trabalho, utilizaremos a figura “deus/deusa” como uma alegoria, ou seja, uma representação simbólica de uma ideia que se encerra dentro desta figura. Um deus representa tudo aquilo que ele possui como domínio, tudo que é atribuído a ele e tudo a que ele se relaciona. Assim, Vênus, a deusa greco-romana da beleza e amor, representa o amor de modo antropomórfico, i.e., a deusa equivale à abstração-amor.

O mundo, ou melhor, o domínio de um deus abarca todas as coisas existentes, entretanto estas são observadas por óticas diferentes de deus para deus. Por consequência, ainda que no domínio de Vênus exista as mesmas coisas que no domínio de Apolo, por representarem ideias abstratas distintas, as coisas pertencentes à seus domínios serão avaliadas de forma diferente e específica.

Referente à isto, Otto, em seu livro *The Homeric Gods: The Spiritual Significance of Greek Religion*, discorre sobre Hermes, referente grego à Mercúrio, e seu domínio:

É um mundo em seu sentido pleno o qual Hermes anima e rege, um mundo completo, e não só um fragmento da existência total. Tudo está contido neste mundo, porém as coisas aparecem em uma ‘luz’ diferente quando comparadas ao reino de outros deuses.¹

Desta forma, ao lidarmos com deuses, em especial as duas divindades escolhidas para estudo, é necessário buscar todas as esferas de domínio destes para entender melhor que figuras são essas, quais abstrações equivalem e quais concepções envolvem.

A partir desta noção de deus, iniciaremos nosso estudo sobre Mercúrio e Baco, introduzindo primeiro a figura de Mercúrio, deus da jornada. Catalogaremos as características destes deuses, seus domínios e elementos, atentando sempre para suas simbologias que, mais futuramente, serão empregadas na análise dos contos.

¹O trecho apresentado resulta de uma tradução própria. A partir daqui todas os trechos referenciados consistirão em traduções próprias.

2 Mercúrio

“Qualquer um que queira este mundo de ganhos e o favor de seu deus Hermes deve aceitar também a perda: um não existe sem o outro.”

OTTO, Walter F. *The Homeric Gods*.

Mercúrio, como já dito anteriormente, é um dos deuses pertencentes à cultura greco-romana. Não investigaremos aqui questões relacionadas a sua origem, se grega ou romana, ou questões relacionadas a seu culto. Estas questões são informações à parte, não configuram informações importantes para a análise proposta. O que é sim necessário à nossa análise é a simbologia deste deus, tudo o que Mercúrio representa. Para isso, faremos um levantamento sobre a figura deste deus.

Como autêntico filho de Júpiter, Mercúrio apresenta a característica luz do deus. Nele reconhecemos os principais atributos do domínio de Júpiter, como a liberdade, a vastidão e a luminosidade. Assim, Mercúrio está relacionado aos céus e ocupa uma posição entre os grandes deuses. Para além disso, apresenta as qualidades de um deus “doador de bens”: é um jovem bonito, amigável aos humanos e brincalhão.

Entretanto, suas características vão muito mais além do que um simples deus brincalhão. Da mesma forma que Mercúrio carrega a essência clara e luminosa de seu pai, carrega a escuridão e mistérios da noite. Armado com suas mágicas sandálias “que o transportam por toda a terra e mar” e seu cajado “²que coloca as pessoas para dormir e as acorda novamente”, o deus viaja através da noite. Ainda que sua viagem e seus trabalhos ocupem também o espaço do dia, é durante o misterioso espaço da noite em que encontramos sua verdadeira essência.

Para chegarmos à sua estreita relação com a noite, é necessário ressaltar o momento de união de seus pais, a ninfa arcadiana Maia e Júpiter, tratado no poema *Hino a Hermes*. Kerenyi ressalta em seu livro sobre Hermes a importância desse encontro entre as divindades:

Lá [na caverna], ela e Zeus geraram Hermes. Amor roubado, mas por esse motivo ainda mais agradável, noite mais profunda, sono como um ajudante em enganar Hera (como este ajuda enganar Zeus na

²KERENYI, Karl. *Hermes: Guide of Souls. The Mythologem of the Masculine Source of Life*.

“(...) who possesses magical golden shoes which transport him over earth and sea and a magical staff with which he puts people to sleep and awakens them again (...)”

Ilíada), e acima de tudo segredo – esses elementos são combinados para formular a primeira fase de evolução de Hermes.³

É a partir da combinação entre estes elementos – amor roubado, noite profunda, sono e segredo – que nasce a figura de Mercúrio. A luminosidade herdada de seu pai, assim como a liberdade, a agradabilidade e etc., mesclam-se a estes elementos trazidos no momento de concepção. O resultado desta mistura não poderia ser diferente: Mercúrio é um deus que comporta em si tanto o dia quanto a noite.

Seu acesso aos céus e a agilidade de suas sandálias aladas permitem-no adentrar os céus não apenas como senhor, uma vez que este faz parte do panteão dos grandes deuses, mas também como mensageiro destes. O trabalho que necessita viagem e agilidade é desempenhado por aquele que possui a enorme mobilidade de quem obtém acesso aos dois grandes polos do dia, o dia e a noite.

Mas é durante a noite que Mercúrio realiza suas grandes empreitadas. Acompanha ladrões – ele mesmo sendo considerado o senhor dos ladrões, tendo realizado o primeiro de seus roubos ainda criança –; encobre amores proibidos – o que remonta ao amor de seus próprios progenitores –; protege viajantes – uma vez que sua vida está fortemente fundamentada na estrada –; e, por fim, guia as almas dos mortos aos infernos.

Sua natureza dual remonta à mais do que apenas dia e noite, mas também ao ato de dar e tomar, levar e trazer, elucidar e enganar. Afinal, não podemos esquecer, o mesmo deus que acessa os céus, desce aos infernos. O mesmo Mercúrio “doador de bens” é senhor dos ladrões. Com a mesma facilidade e benevolência que o deus dá riquezas e traz boa sorte a seu seguidor, ele toma de volta.

Aquele que necessita ajuda do deus a terá, seja para trazer-lhe boa sorte e riquezas, para leva-lo seguramente através da noite, para guia-lo aos infernos ou para trazê-lo de volta para casa. Mas aquele que obtém a ajuda deste deus não pode ignorar que, por ser um deus dual, por conter em si elementos tão contrários, o ganho nunca virá livre de uma perda. É desta forma, através da jornada infestada de maravilhas e terrores, que se configura o mundo de Mercúrio.

³ “There she and Zeus begat Hermes. Stolen love, but for that reason all the more fully enjoyed, deepest night, sleep as a helper in deceiving Hera (as he helps deceive Zeus in the Iliad), and above all secrecy – these elements are woven together to formulate the first phase in the evolution of Hermes.”

3 Baco

“Pedras se partem e correntes de água jorram para fora. Tudo que havia sido trancado é liberado. O diferente e o hostil se unem em uma harmonia milagrosa. Antigas leis de repente perdem seu poder e até mesmo as dimensões de tempo e espaço não são mais válidas.”

OTTO, Walter F. Dionysus: Myth and Cult.

Aplicaremos a Baco o mesmo tratamento dado a Mercúrio, i.e., questões que envolvam sua origem, cultos e aceitação por parte dos povos gregos serão desconsideradas, uma vez que não consistem em informações relevantes para o estudo proposto. Trataremos, entretanto, de levantar suas características e domínio com intuito de aplicar sua simbologia em nossa análise.

Antes de entrarmos diretamente nos atributos e particularidades do deus, nos ocuparemos de retomar o mito do nascimento de Baco.

Diferente de Mercúrio, que não possui um mito de nascimento próprio, aparecendo com maiores detalhes apenas em *Hino a Hermes*, Baco apresenta um mito bastante conhecido. Filho de Júpiter e Semele, respectivamente deus do raio e humana, Baco fora um dos filhos de Júpiter perseguidos por Juno. A esposa e senhora dos deuses, conhecida por perseguir energicamente as amantes e filhos do marido, engana a humana Semele. Esta, ingenuamente, pede à Júpiter para ver-lhe a forma divina. Incapaz de negar o pedido, Júpiter acata a decisão de Semele e transforma-se diante de seus olhos.

Uma vez que os olhos humanos não são capazes de suportar o brilho divino, Semele acaba tomada por chamas. Como estava grávida do filho de Júpiter, este se compadece e protege o bebê, costurando-o em sua coxa a fim de terminar a gestação. Após terminado o período de formação do bebê, Baco nasce.

Já a partir de seu mito de nascimento, conseguimos retirar os principais atributos de Baco. Otto, em seu livro sobre Dionysus, refere-se a Baco como “nascido duas vezes”:

Assim, o “nascido duas vezes”, antes mesmo de acessar o mundo, já superou tudo que é mortal. Ele tornou-se um deus, o deus do deleite intoxicado. E ainda assim ele, o portador da alegria, fora predestinado ao sofrimento e à morte – sofrimento e morte de um deus!⁴

⁴ “Thus, the “twice-born one” has already, before his entry into the world, outgrown everything that is mortal. He has become a god of intoxicated delight. And yet he, the bringer of joy, was predestined for suffering and death – the suffering and death of a god!”

Baco, assim como Mercúrio, compreende em si elementos que já estavam presentes na configuração de seus pais e no momento de seu nascimento. O deus é formado pela mortalidade de sua mãe e também pela imortalidade divina de seu pai, além de incluir em sua figura o feminino e o masculino, já que fora gestado tanto por uma mulher quanto por um homem. Entretanto, reconhecemos sua principal essência a partir de um evento posterior a seu nascimento.

Após ter nascido, Baco fora levado à floresta para viver com ninfas que atuavam como suas amas de leite. Teria sido, inclusive, guiado até estas por Mercúrio a mando de Júpiter. Estas ninfas se tornariam, então, seu primeiro cortejo de bacantes, grupo de mulheres seguidoras do culto de Baco.

Pouco tempo depois de sua chegada à floresta, fora descoberto por Juno, que ordenou aos titãs que perseguissem e aniquilassem o bebê. Apesar de ter sido destruído por estes, Baco já era um deus e possuía a imortalidade característica destas figuras. Devido a isso, o deus retornou a vida. A partir deste momento, Baco passa a ser visto como deus da vida: ele é a criança “nascida duas vezes” e renascida da morte. Apenas um deus que compreendesse em si os impulsos de vida e morte seria capaz de lidar com estes dois extremos da vida, morrendo e renascendo tantas vezes.

É possível notar a partir de seus mitos, que a transformação da vida em morte e da morte em vida é algo particular do deus. As bênçãos e as maldições trazidas por ele a qualquer lugar por onde passe são típicas de uma figura que lida tanto com a vida quanto com a morte. A bênção que era a sua concepção rapidamente transformou-se em maldição com a morte de sua mãe. Seu segundo nascimento foi presenteado novamente com morte, desta vez do próprio deus. Os episódios de mortes violentas e de loucuras destrutivas aparecem enumerados por Otto, demonstrando que o deus representa não só a vida e a morte, mas também a renovação:

As filhas de Minas recusam-se a seguir seu chamado e com boa razão, uma vez que ele retira aqueles que ele tenha afetado de sua decência matrimonial e de sua moralidade e os coloca diante dos mistérios e loucuras do caos da noite. Elas, entretanto, desejam manter-se firmes aos seus deveres como esposas e cuidar de seus maridos – até Dionysus injeta-las com a agulha mais afiada de sua loucura. O rei Penteu irrita-se e não deixa as mulheres rasgarem suas modéstias e dançarem com a divindade em frenesi. Perseu em Argos apressa-se para encontrar Dionysus com poder armado.

Mudando as formas, o mito repete a mesma imagem de novo e de novo.⁵

Da mesma forma que é a vida, marcada de momentos alegres e cheios de vida e momentos terríveis e repletos de morte, assim é o mundo de Baco. Aqueles que escolhem segui-lo devem ter em mente os perigos dos quais ele se integra.

Entretanto, o mundo de Baco não é formado apenas de perigos, mas também de momentos prazerosos. Na tragédia de Eurípides, *Bacantes*, entendemos um pouco mais o mundo dual de Baco. Otto, novamente, discorre bem sobre uma passagem da peça:

A terra jorra leite, jorra vinho, jorra o néctar das abelhas. E há um vapor no ar como o de um incenso sírio.” As *Bacchae* de Eurípides nos dá a visão mais vital da incrível circunstância em que, como Plato diz em *Ion*, as celebrantes intoxicadas pelo deus chamam leite e mel das correntes. Elas batem nas pedras com o *thyrsus*, e água jorra para fora. Elas abaixam o *thyrsus* em direção à terra, e uma fonte de vinho borbulha.⁶

Com esta citação, vemos que aqueles que seguem o deus recebem maravilhas inimagináveis. Diante de Baco, as regras que regem o mundo se desfazem. Da terra jorra o vinho, a bebida dionisíaca, pedras jorram água e as árvores se contorcem em êxtase. O mundo torna-se mais vivo que nunca.

Assim é Baco e seu mundo. Se Mercúrio continha a claridade do dia e escuridão da noite e, dessa forma, obtinha passagem livre entre os mundos – céu-terra-inferno –, Baco é os dois mundos. Ele contém a originalidade da vida e a destruição da morte, e a partir destes dois contrários, ele desfruta dos prazeres e das dores, da loucura e da plenitude, do ruído ensurdecador e do silêncio profundo, da presença e da total ausência. Ele é, mais do que qualquer outra figura, a representação da vida e da sua dualidade. Com seu impulso de vida e seus contrários Baco é o deus libertador, o deus que liberta o homem de sua mesmice e lhe entrega vida: o deus Líber.

⁵ The daughters of Minyas refuse to follow his call and with good reason, for he rips the ones he has affected out of their wifely decency and morality and mates them with the mysteries and madnesses of the chaos of night. They, however, wish to remain true to their duties as housewives and attend their husbands - until Dionysus incites them with the sharpest goad of his madness. King Pentheus becomes aroused and does not wish to let the women tear their bonds of modesty asunder and dance with the frenzied deity. Perseus in Argos rushes out to meet Dionysus with armed might. In shifting forms the myth repeats the same image over and over again.

⁶ “‘The earth flows with milk, flows with wine, flows with the néctar of bees. And there is a vapor in the air as of Syrian frankincense.’ The *Bacchae* of Euripides gives us the most vital picture of the wonderful circumstance in which, as Plato says in the *Ion*, the god-intoxicated celebrants draw milk and honey from the streams. They strike rocks with the *thyrsus*, and water gushes forth. They lower the *thyrsus* to the Earth, and a spring of wine bubbles up.”

4 Primeiras estórias

Primeiras estórias é um livro de contos escrito pelo autor brasileiro Guimarães Rosa. A obra é composta por 21 contos com narrativas próprias e independentes que, entretanto, trabalham em conjunto para formar o todo da obra. Sobre isso, Faria, em sua tese de 2005 *Aletria e Hermenêutica: a poética rosiana das estórias*, diz: “Uma obstinação ascensional a todas perpassa e impulsiona. Cada estória é um mundo em particular, e, ao mesmo tempo, todas são parte de um cosmos maior, que inclui cada uma e a todas transcende.”

Desta forma, cada estória, apesar de conter o mesmo gérmen originário, contribui com novas questões e imagens que aclaram a indagação primordial da obra. O princípio da poética de Rosa está perfeitamente apresentado na estória central do livro, “O espelho”. A pergunta tocante “Você chegou a existir?” norteia as estórias e toda a obra, de forma que cada uma das estórias responde, de forma única, esta questão.

A 1ª e 21ª estórias, respectivamente “As margens da alegria” e “Os cimos”, configuram os alicerces da obra, abrindo e fechando o livro. Os contos são responsáveis por introduzir e encerrar a temática principal, além de envolver a estória central, “O espelho”. Portanto, juntas, as três estórias representam a base compositora da obra.

Para além disso, os contos, dispostos de forma em que desenvolvam a questão principal de forma sequencial, apresentam personagens diversos com vidas diversas, demonstrando que o impulso originário está presente em toda forma de vida e que a transcendência pode ser alcançada por qualquer ser, “maiusculo ou minúsculo”. Todas as estórias operam “pensamento e semente, razão e vida, contemplação e poesia” e são, simultaneamente, “altas e rasteiras, filosóficas e quotidianas, complexas e simples, universais e particulares, transcendententes e imanentes”.

Levando em consideração o caráter integrado da obra, a leitura de um ou mais contos acaba por abordar a tese central “chegar a existir”, trabalhando com uma das possíveis respostas para a pergunta. Isto possibilita lidar particularmente com uma parte e, ao mesmo tempo, dialogar com o todo.

Com isso, em vez de analisarmos a obra completa, optamos por selecionar os dois contos essenciais para a construção do livro, “As margens da alegria” e “Os cimos”, extraíndo destes elementos que corroborem para a análise total da construção da obra, bem como elementos particulares que auxiliem nossa proposta de análise.

5 As margens da alegria

“Esta é a estória.” A inauguração do conto, e também do próprio livro, acontece de forma direta em resposta a uma pergunta que ainda não havia surgido – e só aparecerá futuramente na obra, quando, depois de muito esforço, alcançarmos o meio do livro –, mas que está viva e presente em todo o conto: “Você chegou a existir?”

Se pudéssemos trocar a palavra “estória” por “resposta” – esta é a resposta – o sentido se manteria intacto; o narrador narra e narrar nada mais é do que responder às questões que impregnam a vida. Assim, o ato de narrar uma estória é, também, o ato de responder uma pergunta que, ainda que não tenha nos sido apresentada, ecoa sutilmente durante toda a obra.

Através desta estória-resposta, conhecemos um menino, o Menino, que na abertura do conto – e livro – ainda está fazendo-se. Este, por aparecer como 1ª estória, é o responsável por abrir o caminho para a obra, por iniciar a busca de si e por ir à frente, guiando os demais personagens e estórias que o seguem, como uma espécie de Mercúrio guia. Afinal, a infância é o primeiro momento de nossas vidas.

Entretanto, não é apenas o livro, o conto e a vida do Menino que estão se iniciando, mas também o dia, a viagem e a cidade “Esta é a estória. Ia um menino, com os Tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz (...). Saíam ainda com o escuro”.

Esta abundância de inícios configura uma forma de afirmação do início de uma jornada, ainda inconsciente já que neste momento o Menino ainda não é capaz de entender todos estes elementos. Esta jornada está confirmada desde a primeira palavra do conto, ela vai acontecer.

A jornada se inicia confundida com a ideia de viagem – jornada espacial – com o Menino indo passar alguns dias na casa dos tios em outro estado. O voo, as pessoas, os lugares pelos quais eles sobrevoam, tudo se torna motivo de alegria. Todas as coisas que aparecem para si são visões e informações novas, maravilhas a serem descobertas. Cada acontecimento, até mesmo o afivelar do cinto, de repente se transforma num doce afago e o mundo se abre para ele numa incrível verdade “E as coisas vinham docemente de repente, seguindo harmonia prévia, benfazeja, em movimentos concordantes: as satisfações antes da consciência da necessidade.”

Os movimentos aqui são concordantes. O Menino está subindo, tanto literalmente quanto metaforicamente. Literalmente ele levanta voo junto do avião; metaforicamente se eleva na alegria dos novos descobrimentos, das “nuvens de amontoada amabilidade”, do “azul de só ar”. Neste instante, “a vida raiava numa verdade extraordinária” e “O Menino tinha tudo de uma vez, e nada, ante a mente”.

Seguindo a concordância destes movimentos e a novidade das coisas esplêndidas, chegando à casa dos tios, o Menino encontra o peru. Este rápido encontro acontece como um ápice de sua alegria e abertura à vida, e o peru se torna símbolo de perfeição “Belo, belo! Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, um transbordamento. (...) O Menino riu, com todo o coração.” Entretanto, a partir deste momento, os movimentos ascensionais caracterizados pelo voo do avião, pela descoberta das coisas, pelo contentamento e pelo peru sofrem com uma força inversa.

Com a chegada do meio dia – o momento de ápice do sol e do dia – inicia-se a queda. Se antes o Menino subia, levado por um movimento ascensional involuntário, após atingir o ápice ele deve descer. Seu movimento de subida é subjugado pelo movimento de queda, também involuntário.

O que antes era feliz e completo – “O Menino riu, com todo o coração.” – converte-se em triste e incompleto – “Tudo perdia a eternidade e a certeza; num lufo, num átimo, da gente as mais belas coisas se roubavam.” O Menino, levado por uma alegria e um movimento ascensional falsos, ignorou a contrapartida da subida: a descida. Ao não conquistar sua própria alegria e seu direito de ascensão, ele termina sendo acertado pela tristeza e pela queda.

É através dessa queda que o Menino descobre o contrário da vida, do raiar das coisas novas: a morte. Esse primeiro contato com esta força o abala de forma que nada mais faz sentido para ele. Sua abertura à vida, seu sentar-se inteiro, seu rir de todo o coração agora aparecem abalados.

Reproduzindo a mudança de movimento – de ascensional para descensional – e de força abstrata – de vida para morte – ocorre uma mudança de léxico. A atmosfera suave e leve e o léxico alegre e, algumas vezes, até infantil convertem-se em pesados – “aquele doer, que põe e punge, de dó, desgosto e desengano.” Os contrários complementares surgem de forma desigual, alternando-se entre si. E, agora, o Menino reflete: “entre o contentamento e a desilusão, na balança infidelíssima, quase nada medeia.”

Entretanto, ao final do conto e deste dia espantoso, sua tristeza sofre um abalo. Durante o decorrer do dia – iniciado no amanhecer com o início da viagem, com o ápice do peru ao meio dia e a queda ocorrida à tarde – vimos um desenvolvimento do personagem através de uma jornada circunstancial: cada momento do dia o conduziu a um novo lugar dentro de si. E com a chegada da noite, o Menino se encontra novamente diante de um momento decisivo.

Ao seguir o novo peru, “menor, menos muito”, o Menino o encontra bicando a cabeça degolada do peru “imperial”. Esse horrível momento de encontro dos contrários, vida coexistindo e interagindo com a morte, figura um evento difícil para o Menino, “O Menino não entendia”. Assimilar que duas forças aparentemente tão contrárias ocorrem juntas ainda é uma tarefa árdua para ele. Porém, naquele momento tão impossível e

estranho, em meio à treva e ao silêncio da noite, voava um vagalume, acendendo e apagando, “tão pequenino, no ar, um instante só”.

Essa luz, ainda que fosse pequenina, era centelha de luz em meio à escuridão. Surgia, quase como que do nada, trepidando, mas presente. Essa luz representa, acima de tudo, a criação. Ela retoma o momento de criação do cosmos presente na Teogonia e em Metamorfoses, e conversa com a criação do mundo presente na bíblia, o “*Fiat lux*”. Esta criação ainda se encontra em forma embrionária, necessitando ainda germinar. O encontro dos contrários gera essa pequena semente de luz e proporciona ao menino sentir novamente.

É neste momento de contraste entre duas forças e de surgimento de uma nova fase – a embrionária – que desponta a Alegria maiúscula. Em oposição direta à ideia de alegria como força definitiva e infinita, a Alegria maiúscula compõe-se de momentos alternados: “Era, outra vez em quando, a Alegria”. O adjunto adverbial aparece entre vírgulas com intuito de quebrar a oração no meio, indicando estruturalmente a intercalação da Alegria em momentos tristes, porém necessários, e momentos alegres.

Esta Alegria funciona de forma semelhante à do vagalume: apaga e acende. Ela se mostra para o Menino como um presente por sua nova fase, seu novo aprendizado. Entretanto, apesar de ter dado início a busca de sua origem, a jornada ainda não está completa. O Menino aprendeu com o peru e com o vagalume, mas agora ele precisa apre(e)nder algo consigo mesmo. E, com isso, partimos para “Os cimos”.

6 Os cimos

O último conto se inicia em uma estrutura paralelística. Se o primeiro conto – abertura do livro e apresentação do personagem o Menino – era iniciado por “Esta é a estória”, uma estória-resposta – como dito na seção anterior –, o último conto – encerramento do livro e desfecho da jornada do Menino – é iniciado por “Outra era a vez”.

De forma análoga à estória-resposta, podemos ler esta nova abertura como “outra era a resposta”, indicando que dois momentos diferentes podem ser entendidos como respostas diferentes. O que fora iniciado em “Esta é a estória” será terminado – como uma espécie de fim-começo – em “Outra era a vez”.

Mantendo a estrutura paralelística, o novo conto segue com a temática da viagem, entretanto de forma completamente contrária. A viagem que antes tinha sido “inventada no feliz” e “produzia-se em caso de sonho”, agora “era uma íngreme partida”. A claridade, a leveza, a alegria e o movimento ascensional presentes no 1º conto desaparecem. Em seus lugares surgem seus opostos: a escuridão, a gravidade, a tristeza e o movimento descensional.

Porém, os movimentos que no conto anterior aconteciam de forma involuntária, aparecem aqui como voluntários. O movimento descensional surge como decisão consciente do Menino, que prefere se retrair, fechar-se para o mundo. Desta forma, o movimento, em vez de ocorrer como um mero despencamento, uma queda das alturas, funciona como uma descida, uma decisão ativa de descer.

Essa decisão acontece devido a doença da Mãe do Menino. O medo da incerteza e da perda tornam o Menino fechado e incerto para o mundo, o mesmo mundo que antes lhe dera tantas maravilhas. As “nuvens de amontoada amabilidade” agora são um fundo para sua tristeza e não valem o esforço de se olhar:

“Nem valia espiar, correndo em direções contrárias, as nuvens superpostas, de longe ir. Também, todos, até o piloto, não eram tristes, em seus modos, só de mentira no normal alegrados?”

Qualquer coisa extraordinária, qualquer coisa de alegria trazem um sentimento de revolta no Menino. Agora, é necessário negar as coisas incríveis e os sentimentos alegres involuntários para alcançar seus contrários e entender as coisas horríveis que também existem no mundo.

Seu momento de maior retração, como esperado, se passa durante o período da noite. Dialogando com o único momento noturno do conto anterior, no qual o Menino vê surgir o vagalume, a estória prossegue com uma catábase.

Envolto pela escuridão da noite, pela atmosfera fantasmagórica e pelas horas infindas, o Menino, incapaz de dormir, reflete sobre as muitas coisas da vida. Ele segue

descendo, cada vez mais fundo em si, até atingir sua região mais profunda, seu inferno, sua origem. Ao atingir essa fonte de seu ser, o Menino é capaz de entender. Entender quem ele é – quem ele pode ser –, entender o mundo, entender as coisas que antes pareceram absurdas:

E, vindo o outro dia, no não-estar-mais-dormindo e não-estar-ainda-acordado, o Menino recebia uma claridade de juízo – feito um assopro – doce, solta. Quase como assistir às certezas lembradas por um outro; (...) feito ele estivesse podendo copiar no espírito ideias de gente grande.

Em seguida, o aparecimento do pássaro acontece como uma representação desse entendimento do Menino. Através de sua jornada infernal, o Menino conquista a sabedoria do equilíbrio dos contrários, das forças opostas abstratas e o tucano surge como símbolo desse equilíbrio “E o tucano, o voo, reto, lento – como se voou embora, xô, xô! – mirável, cores pairantes, no garridir; fez sonho. [...] Agora, era a bola de ouro a se equilibrar no azul de um fio.”

A partir deste momento, o movimento não é mais de pura ascensão ou descensão, mas de transcendência. Esta transcendência caracteriza-se como um movimento harmonizado de descida e subida, ambas escolhas ativas e conscientes do personagem. A transcendência do Menino acontece como resultado de sua decisão corajosa de retrair-se e de procurar a origem de seu ser, e pela ainda mais sábia decisão de escolher viver positivamente e completamente mesmo nos momentos difíceis.

Como presente pela sua coragem e sabedoria, o Menino recebe a melhor notícia: sua Mãe está sarada! “(...) a Mãe nem nunca tinha estado doente, nascera sempre sã e salva!”

Em seu retorno para casa, sinalizando o fim de sua viagem – e que viagem! -, somos apresentados a talvez as mais significativas frases do conto: “Sorria fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida”.

Já nestas duas primeiras palavras é possível encontrar a realização de seu mais novo entendimento, o equilíbrio dos contrários. O Menino sorri fechado, um sorriso para dentro, um sorriso todo seu. Seus sorrisos, seus enigmas, suas alegrias, suas tristezas, suas jornadas, suas. A maior retribuição de sua busca, a vida, se manifesta para ele, como Baco, renascendo na primavera.

Novamente a estrutura paralelística surge enlaçando os dois contos, o início e o fim da obra. No início, “la um menino”; no fim, “E vinha a vida”. O obra se faz no ir-e-vir da vida, na construção de nosso próprio caminho, na nossa jornada. Mercúrio, como deus da jornada, esteve presente do início ao fim, guiando não só o Menino, mas também o leitor que seguiu a estrada da leitura.

Ele atuou como guia em diversas esferas: na jornada espacial – a viagem –, na jornada temporal – a passagem do dia à noite –, na jornada infernal – a catábase, descida ao próprio inferno, à origem –, na jornada primordial – a busca da vida – e na jornada textual – a leitura do livro. Também foi o responsável por levar o Menino seguramente a Baco, da mesma forma que fizera antes, levando o bebê Baco em segurança a suas amas de leite.

Baco surge ao fim do conto como o deus que renasce. Esteve ausente durante boa parte do conto, certamente esperando sua hora de ressurgir. E ressurge, em pouquíssimas palavras representando a erupção da vida. A forma verbal “vinha”, conjugada na 3ª pessoa do singular no Pretérito Imperfeito do Indicativo, funciona como um homônimo homógrafo de “vinha”, a planta consagrada à Baco, a videira. Além disto, o encontro sonoro produzido por “E vinha...” – “Ev” – remonta à expressão “Evoé, Baco!”, saudação feita ao deus por suas seguidoras, as bacantes.

Baco representa a Vida maiúscula, a vida que comporta em si os elementos contrários, a vida em que estas forças trabalham em conjunto, se harmonizando. A jornada do Menino consistiu de várias etapas, passou pelo descontentamento e incerteza, pela retração e solidão até chegar a sua origem. Lá, ele encontrou sua fonte, sua potencialidade. Tornou-se aquilo que poderia ser e seguiu em frente. Buscou o equilíbrio, o atingiu e, com isso, ganhou a Vida. Sua busca momentânea acabou e uma nova surgiu. No ir-e-vir da vida, a busca nunca termina, ela apenas se transforma.

“- Chegamos, afinal! – o Tio falou.

- Ah, não. Ainda não... – respondeu o Menino.”

Conclusão

Mercúrio e Baco são deuses greco-romanos. Durante a Antiguidade, havia cultos e festas dedicados a eles. Estes eram realizados por pessoas que os seguiam, por pessoas que acreditavam profundamente neles. Hoje em dia, não vemos mais isso. Não vemos templos dedicados a eles, nem festas dadas em seus nomes. Porém, isso não quer dizer que eles foram esquecidos, que deixaram de ser cantados.

Eles ainda estão presentes na literatura, toda a Antiguidade está. As vezes de forma direta, com citações a seus nomes e mitos, e as vezes, como ocorreu em *Primeiras estórias*, de forma indireta. Eles estavam ali, mais fortes do que nunca, alimentando a temática da obra. Quem não os conhece talvez não fosse capaz de reconhecê-los, mas aqueles que já ouviram sobre eles o são.

Cada palavra, cada oração e até mesmo cada vírgula estava embebida de suas simbologias, de suas alegorias: os contrários complementares. A temática girava em torno de suas ideias: jornada, origem e vida. A estrutura da obra seguia seus moldes. Tudo presente na obra ecoava seus nomes.

Desta forma, podemos afirmar que há sim a presença de dois deuses, sendo eles Mercúrio – deus da jornada – e Baco – deus da vida –, em *Primeiras estórias*, principalmente nos contos “As margens da alegria” e “Os cimos”. Sua presença acontece de forma indiciária, i.e., na temática, desenvolvimento e construção da obra.

Além disso, a questão principal que perpassa toda a obra – “Você chegou a existir?” – e a preocupação de responder esta questão com a busca de nossa própria origem e, através desta busca, com a fundação de um novo ser, eleva a obra ao patamar de texto-gênese.

Entretanto, diferente de *Teogonia* e *Metamorfoses*, ambos textos-gênese que cantam a origem dos deuses e do mundo, *Primeiras estórias* narra a origem do homem. Esta origem constitui uma origem espiritual ativa e consciente, na qual o homem, que já existia fisicamente, porém de forma automática, se desfaz de todas as amarras que o prendem e se reinventa, criando um novo ser, um novo eu.

Assim, concluímos que *Primeiras estórias*, por causa de sua temática e construção, pode ser comparada a outros textos-gênese, como *Teogonia* e *Metamorfoses*. Todos estes possuem as mesmas bases: as forças contrárias complementares, a origem e a criação, a narrativa total dividida em unidades menores – mitos e estórias – e o caráter literário.

Anexo

as margens da alegria

- I -

Esta é a estória. Ia um menino, com os Tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz; para ele, produzia-se em caso de sonho. Saíam ainda com o escuro, o ar fino de cheiros desconhecidos. A Mãe e o Pai vinham trazê-lo ao aeroporto. A Tia e o Tio tomavam conta dele, justinamente. Sorria-se, saudava-se, todos se ouviam e falavam. O avião era da Companhia, especial, de quatro lugares. Respondiam-lhe a todas as perguntas, até o piloto conversou com ele. O voo ia ser pouco mais de duas horas. O menino fremia no acorçoo, alegre de se rir para si, confortavelzinho, com um jeito de folha a cair. A vida podia às vezes raiar numa verdade extraordinária. Mesmo o afivelarem-lhe o cinto de segurança virava forte afago, de proteção, e logo novo senso de esperança: ao não-sabido, ao mais. Assim um crescer e desconter-se – certo como o ato de respirar – o de fugir para o espaço em branco. O Menino.

E as coisas vinham docemente de repente, seguindo harmonia prévia, benfazeja, em movimentos concordantes: as satisfações antes da consciência das necessidades. Davam-lhe balas, chicles, à escolha. Solícito de bem-humorado, o Tio ensinava-lhe como era reclinável o assento – bastando premer manivela. Seu lugar era o da janelinha, para o móvel mundo. Entregavam-lhe revistas, de folhear, quantas quisesse, até um mapa, nele mostravam os pontos em que ora e ora se estava, por cima de onde. O Menino deixava-as, fartamente, sobre os joelhos, e espiava: as nuvens de amontoada amabilidade, o azul de só ar, aquela claridade à larga, o chão plano em visão cartográfica, repartido de roças e campos, o verde que se ia a amarelos e vermelhos e a pardo e a verde; e, além, baixa, a montanha. Se homens, meninos, cavalos e bois – assim insetos? Voavam supremamente. O Menino, agora, vivia; sua alegria despedindo todos os raios. Sentava-se, inteiro, dentro do macio rumor do avião: o bom brinquedo trabalhoso. Ainda nem notara que, de fato, teria vontade de comer, quando a Tia já lhe oferecia sanduíches. E prometia-lhe o Tio as muitas coisas que ia brincar e ver, e fazer e passear, tanto que chegassem. O Menino tinha tudo de uma vez, e nada, ante a mente. A luz e a longa-longa-longa nuvem. Chegavam.

- II -

Enquanto mal vacilava a manhã. A grande cidade apenas começava a fazer-se, num semi-ermo, no chapadão: a mágica monotonia, os diluídos ares. O campo de pouso ficava a curta distância da casa – de madeira, sobre estações, quase penetrando na mata. O Menino via, vislumbra. Respirava muito. Ele queria poder ver ainda mais vívido – as novas tantas coisas – o que para os seus olhos se pronunciava. A morada era pequena, passava-se logo à cozinha, e ao que não era bem quintal, antes breve clareira, das árvores que não podem entrar dentro de casa. Altas, cipós e orquideazinhas amarelas delas se suspendiam. Dali,

podiam sair índios, a onça, leão, lobos, caçadores? Só sons. Um – e outros pássaros – com cantos compridos. Isso foi o que abriu seu coração. Aqueles passarinhos bebiam cachaça?

Senhor! Quando avistou o peru, no centro do terreiro, entre a casa e as árvores da mata. O peru, imperial, dava-lhe as costas, para receber sua admiração. Estalara a cauda, e se entufou, fazendo roda: o rapar das asas no chão – brusco, rijo, - se proclamara. Grugulejou, sacudindo o abotoado grosso de bagas rubras; e a cabeça possuía laivos de um azul-claro, raro, de céu e sanhaços; e ele, completo, torneado, redondoso, todo em esferas e planos, com reflexos de verdes metais em azul-e-preto – o peru para sempre. Belo, belo! Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, um transbordamento. Sua ríspida grandeza tonitruante. Sua colorida empáfia. Satisfazia os olhos, era de se tanger trombeta. Colérico, encachiado, andando, gruziou outro gluglo. O Menino riu, com todo o coração. Mas só bis-viu. Já o chamavam, para passeio.

- III -

Iam de jeep, iam aonde ia ser um sítio do Ipê. O Menino repetia-se em íntimo o nome de cada coisa. A poeira, alvissareira. A malva-do-campo, os lentiscos. O velame-branco, de pelúcia. A cobra-verde, atravessando a estrada. A arnica: em candelabros pálidos. A aparição angélica dos papagaios. As pitangas e seu pingar. O veado campeiro: o rabo branco. As flores em pompa arroxeadas da canela-de-ema. O que o Tio falava: que ali havia “imundície de perdizes”. A tropa de seriemas, além, fugindo, em fila, índio-a-índio. O par de garças. Essa paisagem de muita largura, que o grande sol alagava. O buriti, à beira do Corguinho, onde, por um momento, atolaram. Todas as coisas, surgidas do opaco. Sustentava-se delas sua incessante alegria, sob espécie sonhosa, bebida, em novos aumentos de amor. E em sua memória ficavam, no perfeito puro, castelos já armados. Tudo, para a seu tempo ser dadamente descobertos, fizera-se primeiro estranho e desconhecido; Ele estava nos ares.

Pensava no peru, quando voltavam. Só um pouco, para não gastar fora de hora o quente daquela lembrança, do mais importante, que estava guardado para ele, no terreirinho das árvores bravas. Só pudera tê-lo um instante, ligeiro, grande, demoroso. Haveria um, assim, em cada casa, e de pessoa?

Tinham fome, servido o almoço, tomava-se cerveja. O Tio, a Tia, os engenheiros. Da sala, não se escutava o galhardo ralhar dele, seu grugulejo? Esta grande cidade ia ser a mais levantada no mundo. Ele abria leque, impante, explodido, se enfumava... Mal comeu dos doces, a marmelada, da terra, que se cortava bonita, o perfume em açúcar e carne de flor. Saiu, sôfrego de o rever.

Não viu: imediatamente. A mata é que era tão feia de altura. E – onde? Só umas penas, restos, no chão. – “Ué, se matou. Amanhã não é o dia-de-anos do doutor?” Tudo perdia a eternidade e a certeza; num lufo, num átimo, da gente as mais belas coisas se roubavam. Como podiam? Por que tão de repente? Soubesse que ia acontecer assim, ao menos teria olhado mais o peru – aquele. O peru – seu desaparecer no espaço. Só no grão

nulo de um minuto, o Menino recebia em si um miligrama de morte. Já o buscavam: - “Vamos aonde a grande cidade vai ser, o lago...”

- IV -

Cerrava-se, grave, num cansaço e numa renúncia à curiosidade, para não passear com o pensamento. Ia. Teria vergonha de falar do peru. Talvez não devesse, não fosse direito ter por causa dele aquele doer, que põe e punge, de dó, desgosto e desengano. Mas, matarem-no, também, parecia-lhe obscuramente algum erro. Sentia-se sempre mais cansado. Mal podia com o que agora lhe mostravam, na circuntristeza: o um horizonte, homens no trabalho de terraplenagem, os caminhões de cascalho, as vagas árvores, um ribeirão de águas cinzentas, o velame-do-campo apenas uma planta desbotada, o encantamento morto e sem pássaros, o ar cheio de poeira. Sua fadiga, de impedida emoção, formava um medo secreto: descobria o possível de outras adversidades, no mundo maquinal, no hostil espaço; e que entre o contentamento e a desilusão, na balança infidelíssima, quase nada medeia. Abaixa a cabecinha.

Ali fabricava-se o grande chão do aeroporto – transitavam no extenso as compressoras, caçambas, cilindros, o carneiro socando com seus dentes de pilões, as betumadoras. E como haviam cortado lá o mato? – a Tia perguntou. Mostraram-lhe a derrubadora, que havia também: com à frente uma lâmina espessa, feito limpa-trilhos, à espécie de machado. Queria ver? Indicou-se uma árvore: simples, sem nem notável aspecto, à orla da área matagal. O homenzinho tratorista tinha um toco de cigarro na boca. A coisa pôs-se em movimento. Reta, até devagar. A árvore, de poucos galhos no alto, fresca, de casca clara... e foi só o chofre: ruh... sobre o instante ela para lá se caiu, toda, toda. Trapeara tão bela. Sem nem se poder apanhar com os olhos o acerto – o inaudito choque – o pulso da pancada. O Menino fez ascas. Olhou o céu – atônito de azul. Ele tremia. A árvore, que morrera tanto. A limpa esguiez do tronco e o marulho imediato e final de seus ramos – da parte de nada. Guardou dentro da pedra.

- V -

De volta, não queria sair mais ao terreirinho, lá era uma saudade abandonada, um incerto remorso. Nem ele sabia bem. Seu pensamentozinho estava ainda na frase hieroglífica. Mas foi, depois do jantar. E – a nem espetaculosa surpresa – viu-o, suave inesperado: o peru, ali estava! Oh, não. Não era o mesmo. Menor, menos muito. Tinha o coral, a arrecada, a escova, o grugruhar grufu, mas faltava em sua penosa elegância o recacho, o englobo, a beleza esticada do primeiro. Sua chegada e presença, em todo o caso, um pouco consolavam.

Tudo se amaciava na tristeza. Até o dia; isto era: já o vir da noite. Porém, o subir da noitinha é sempre e sofrido assim, em toda a parte. O silêncio saía de seus guardados. O Menino, timorato, aquietava-se com o próprio quebranto: alguma força, nele, trabalhava por arraigar raízes, aumentar-lhe alma.

Mas o peru se adiantava até à beira da mata. Ali adivinhara – o quê? Mal dava para se ver, no escurecendo. E era a cabeça degolada do outro, atirada ao monturo. O Menino se doía e se entusiasmava.

Mas: não. Não por simpatia companheira e sentido o peru até ali viera, certo, atraído. Movia-o um ódio. Pegava de bicar, feroz, aquela outra cabeça. O Menino não entendia. A mata, as mais negras árvores, eram um montão demais; o mundo.

Trevava.

Voava, porém, a luzinha verde, vindo mesmo da mata, o primeiro vagalume. Sim, o vagalume, sim, era lindo! – tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se. Era, outra vez em quando, a Alegria.

os cimos

O inverso afastamento

Outra era a vez. De sorte que de novo o Menino viajava para o lugar onde as muitas mil pessoas faziam a grande cidade. Vinha, porém, só com o Tio, e era uma íngreme partida. Entrara aturdido no avião, a esmo tropeçante, enrolava-o de por dentro um estudo como cansaço; fingia apenas que sorria, quando lhe falavam. Sabia que a Mãe estava doente. Por isso o mandavam para fora, decerto por demorados dias, decerto porque era preciso. Por isso tinham querido que trouxesse os brinquedos, a Tia entregando-lhe ainda em mão o preferido, que era o de dar sorte: um bonequinho macaquinho, de calças pardas e chapéu vermelho, alta pluma. O qual, o prévio lugar dele sendo na mesinha, em seu quarto. Pudesse se mexer e viver de gente, e havia de ser o mais impagável e arteiro deste mundo. O Menino cobrava maior medo, à medida que os outros mais bondosos para com ele se mostravam. Se o Tio, gracejando, animava-o a espiar na janelinha ou escolher as revistas, sabia que o Tio não estava de todo sincero. Outros sustos levava. Se encarasse pensamento na lembrança da Mãe, iria chorar. A Mãe e o sofrimento não cabiam de uma vez no espaço de instante, formavam avesso – do horrível do impossível. Nem ele isso entendia, tudo se transtornando então em sua cabecinha. Era assim: alguma coisa, maior que todas, podia, ia acontecer?

Nem valia espiar, correndo em direções contrárias, as nuvens superpostas, de longe ir. Também, todos, até o piloto, não eram tristes, em seus modos, só de mentira no normal alegados? O Tio, com uma gravata verde, nela estava limpando os óculos, decerto não havia de ter posto a gravata tão bonita, se à Mãe o perigo ameaçasse. Mas o Menino concebia um remorso, de ter no bolso o bonequinho macaquinho, engraçado e sem mudar, só de brinquedo, e com a alta pluma no chapeuzinho encarnado. Devia jogar fora? Não, o macaquinho de calças pardas se dava de também miúdo companheiro, de não merecer maltratos. Desprendeu somente o chapeuzinho com a pluma, este, sim, jogou, agora não havia mais. E o Menino estava muito dentro dele mesmo, em algum cantinho de si. Estava muito para trás. Ele, o pobrezinho sentado.

O quanto queria dormir. A gente devia poder parar de estar tão acordado, quando precisasse, e adormecer seguro, salvo. Mas não dava conta. Tinha de tornar a abrir demais os olhos, às nuvens que ensaiam esculturas efêmeras. O Tio olhava no relógio. Então, quando chegavam? Tudo era, todo-o-tempo, mais ou menos igual, as coisas ou outras. A gente, não. A vida não parava nunca, para a gente poder viver direito, concertado? Até o macaquinho sem chapéu iria conhecer do mesmo jeito o tamanho daquelas árvores, da mata, pegadas ao terreiro da casa. O pobre do macaquinho, tão pequeno, sozinho, tão sem mãe; pegava nele, no bolso, parecia que o macaquinho agradecia, e, lá dentro, no escuro, chorava.

Mas, a Mãe, sendo só a alegria de momentos. Soubesse que um dia a Mãe tinha de adoecer, então teria ficado sempre junto dela, espiando para ela, com força, sabendo muito

que estava e que espiava com tanta força, ah. Nem teria brincado, nunca, nem outra coisa nenhuma, senão ficar perto, de não se separar nem para um fôlego, sem carecer de que acontecesse o nada. Do jeito feito agora, no coração do pensamento. Como sentia: com ela, mais do que se estivessem juntos, mesmo, de verdade.

O avião não cessava de atravessar a claridade enorme, ele voava o voo – que parecia estar parado. Mas no ar passavam peixes negros, decerto para lá daquelas nuvens: lombos e garras. O Menino sofria sofreado. O avião então estivesse parado voando – e voltando para trás, mais, e ele junto com a Mãe, do modo que nem soubera antes, que o assim era possível.

Aparecimento do pássaro

Na casa, que não mudara, entre e adiante das árvores, todos começaram a trata-lo com qualidade de cuidado. Diziam que era pena não haver ali outros meninos. Sim, daria a eles os brinquedos; não queria brincar, mais nunca. Enquanto a gente brincava, descuidoso, as coisas ruins já estavam armando a assanhação de acontecer: elas esperavam a gente atrás das portas.

Também não dava vontade sair de jeep, com o Tio, se para a poeira, gente e terra. Segurava-se forte, fechados os olhos; o Tio disse que ele não devia se agarrar com tão tesa força, mas deixar o corpo no ir e vir dos solavancos do carro. Se adoecesse, grave, também, que fosse – como ia ficar, mais longe da Mãe, ou mais perto? Ele mordeu seu coração. Nem quis falar com o macaquinho bonequinho. O dia, inteiro, servia era para se fazer o espalhamento no cansaço.

Mesmo assim, à noite, não começava a dormir. O ar daquele lugar era friinho, mais fino. Deitado, o Menino se sentia sustoso, o coração dando muita pancada. A Mãe, isto é... E não podia logo dormir, e pela dita causa. O calado, o escuro, a casa, a noite – tudo caminhava devagar, para o outro dia. Ainda que a gente quisesse, nada podia parar, nem voltar para trás, para o que a gente já sabia, e de que gostava. Ele estava sozinho no quarto. Mas o bonequinho macaquinho não era mais o para a mesa de cabeceira: era o camarada, no travesseiro, de barriguinha para cima, pernas estendidas. O quarto do Tio ficava ao lado, a parede estreita, de madeira. O Tio ressonava. O macaquinho, quase também, feito um muito velho menino. Alguma coisa da noite a gente estivesse furtando?

E, vindo o outro dia, no não-estar-mais-dormindo e não-estar-ainda-acordado, o Menino recebia uma claridade de juízo – feito um assopro – doce, solta. Quase como assistir às certezas lembradas por um outro; era que nem uma espécie de cinema de desconhecidos pensamentos; feito ele estivesse podendo copiar no espírito ideias de gente muito grande. Tanto, que, por aí, desapareciam, esfiapadas.

Mas, naquele raiar, ele sabia e achava: que a gente nunca podia apreciar, direito, mesmo, as coisas bonitas ou boas, que aconteciam. Às vezes, porque sobreviviam depressa

e inesperadamente, a gente nem estando arrumado. Ou esperadas, e então não tinham gosto de tão boas, eram só um arremedado grosseiro. Ou porque as outras coisas, as ruins, prosseguiram também, de lado e do outro, não deixando limpo lugar. Ou porque faltavam ainda outras coisas, acontecidas em diferentes ocasiões, mas que careciam de formar junto com aquelas, para o completo. Ou porque, mesmo enquanto estavam acontecendo, a gente sabia que elas já estavam caminhando, para se acabar, roídas pelas horas, desmanchadas... O Menino não podia ficar mais na cama. Estava já levantado e vestido, pegava o macaquinho e o enfiava no bolso, estava com fome.

O alpendre era um passadiço, entre o terreirinho mais a mata e o extenso outro-lado – aquele escuro campo, sob rasgos, neblinas, feito um gelo, e os perolins do orvalho: a ir até o fim de vista, à linha do céu de este, na extrema do horizonte. O sol ainda não viera. Mas a claridade. Os cimos das árvores se douravam. As altas árvores depois do terreiro, ainda mais verdes, do que o orvalho lavara. Entremanhã – e de tudo um perfume, e passarinhos piando. Da cozinha, traziam café.

E: – “Pst!” – apontou-se. A uma das árvores, chegara um tucano, em brando batido horizontal. Tão perto! O alto azul, as frondes, o alumiado amarelo em volta e os tantos meigos vermelhos do pássaro – depois de seu voo. Seria de ver-se: grande, de enfeites, o bico semelhante flor de parasita. Saltava de ramo em ramo, comia da árvore carregada. Toda a luz era dele, que borrifava-a de seus coloridos, em momentos pulando no meio do ar, estapa-frouxo, suspenso esplendidamente. No topo da árvore, nas frutinhas, tuco, tuco... daí limpava o bico no galho. E, de olhos arregaçados, o Menino, sem nem poder segurar para si o embrevecido instante, só nos silêncios de um-dois-três. No ninguém falar. Até o Tio. O Tio, também, estava de fazer gosto por aquilo: limpava os óculos. O tucano parava, ouvindo outro pássaros – quem sabe, seus filhotes – da banda da mata. O grande bico para cima, desferia, por sua vez, às uma ou duas, aquele grito meio ferrugento dos tucanos: – “Crrée!”... O Menino estando nos começos de chorar. Enquanto isso, cantavam os galos. O Menino se lembrava sem lembrança nenhuma. Molhou todas as pestanas.

E o tucano, o voo, reto, lento – como se voou embora, xô, xô! – mirável, cores pairantes, no garridir; fez sonho. Mas a gente nem podendo esfriar de ver. Já para o outro imenso lado apontavam. De lá, o sol queria sair, na região da estrela-d’alva. A beira do campo, escura, como um muro baixo, quebrava-se, num ponto, dourado rombo, de bordas estilhaçadas. Por ali, se balançou para cima, suave, aos ligeiros vagarinhos, o meio-sol, o disco, o liso, o sol, a luz por tudo. Agora, era a bola de ouro a se equilibrar no azul de um fio. O Tio olhava no relógio. Tanto tempo que isso, o Menino nem exclamava. Apanhava com o olhar cada sílaba do horizonte.

Mas não pudera combinar com o vertiginoso instante a presença de lembrança da Mãe – sã, ah, sem nenhuma doença, conforme só em alegria ela ali teria de estar. E nem a ligeireza de ideia de tirar do bolso o companheiro bonequinho macaquinho, para que ele visse também: o tucano – o senhorzinho vermelho, batendo mãos, à frente o bico empinado.

Mas feito se, a cada parte e pedacinho de seu voo, ele ficasse parado, no trecho e impossivelzinho do ponto, nem no ar – por agora, sem fim e sempre.

O trabalho do pássaro

Assim, o Menino, entre dia, no acabrunho, pelejava com o que não queria querer em si. Não suportava atentar, a cru, nas coisas, como são, e como sempre vão ficando: mais pesadas, mais-coisas – quando olhadas sem preocupações. Temia pedir notícias; temia a Mãe na má miragem da doença? Ainda que relutasse, não podia pensar para trás. Se queria atinar com a Mãe doente, mal, não conseguia ligar o pensamento, tudo na cabeça da gente dava num borrão. A Mãe da gente era a Mãe da gente, só; mais nada.

Mas, esperava; pelo belo. Havia o tucano – sem jaça – em voo e pouso e voo. De novo, de manhã, se endereçando só àquela árvore de copa alta, de espécie chamada mesmo tucaneira. E dando-se o raiar do dia, seu fôlego dourado. Cada madrugada, à horinha, o tucano, gentil, rumoroso: ... chégochégochégo ... – em voo direto, jazido, rente, traçado macio no ar, que nem um naviozinho vermelho sacudindo devagar as velas, puxado; tão certo na plana como se fosse um marrequinho deslizando para a frente, por sobre a luz de dourada água.

Depois do encanto, a gente entrava no vulgar inteiro do dia. O dos outros, não da gente. As sacudidas do jeep formavam o acontecer mais seguido. A Mãe sempre recomendara zelo com as roupinhas; mas terra aqui era à desafiada. Ah, o bonequinho macaquinho, mesmo sempre no bolso, se sujava mais de suor e poeira. Os mil e mil homens muitamente trabalhavam fazendo a grande cidade.

Mas o tucano, sem falta, tinha sua soência de sobrevir, todos ali o conheciam, no pintar da aurora. Fazia mais de mês que isso principiara. Primeiro, aparecera por lá uma bandada de uns trinta deles, vozeantes, mas sendo de-dia, entre dez e onze horas. Só aquele ficara, porém, para cada amanhecer. Com os olhos tardos tontos de sono, o bonequinho macaquinho em bolso, o Menino apressuradamente se levantava e descia ao alpendre, animoso de amar.

O Tio lhe falava, com excessivos de agrado, sem o jeito nenhum. Saíam – sobre o se-fazer das coisas. Tudo a poeira tapava. O bonequinho macaquinho, um dia, devia de poder ganhar algum outro chapeuzinho, de alta pluma; mas verde, da cor da gravata, tão sobressaída, com que o Tio, de camisa, agora não estava. O Menino, em cada instante, era como se fosse só uma certa parte dele mesmo, empurrado para diante, sem querer. O jeep corria por estradas de não parar, sempre novas. Mas o Menino, em seu mais forte coração, declarava, só: que a Mãe tinha de ficar boa, tinha de ficar salva!

Esperava o tucano, que chegava, a-justo, a-tempo, a-ponto, às seis-e-vinte da manhã; ficava, de arvoregem, na copa da tucaneira, futricando as frutas, só os dez minutos, comidos e estrepulados. Daí, partia, sempre naquele outro-rumo, no antes do pingado meio-instante

em que o sol arrebolava redondo do chão; porque o sol era às seis-e-meia. O Tio media tudo no relógio.

De dia, não voltava lá. Se donde vinha e morava – das sombras do mato, as impenetráveis? Ninguém soubesse seus usos verdadeiros, nem os certos horários: os demais lugares, aonde iria achar comer e beber, sobre os pontos isolados. Mas o Menino pensava que devia acontecer mesmo assim – que ninguém soubesse. Ele vinha do diferente, só donde. O dia: o pássaro.

Entremeio, o Tio, recebido um telegrama, não podia deixar de mostrar a cara apreensiva – o envelhecimento da esperança. Mas, então, fosse o que fosse, o Menino, calado consigo, teimoso de só amor, precisava de se repetir: que a Mãe estava sã e boa, a Mãe estava salva!

De repente, ouviu que, para consola-lo, combinavam maneira de pegar o tucano: com alçapão, pedrada no bico, tiro de espingardinha na asa. Não e não! – zangou-se, aflito. O que cuidava, que queria, não podendo ser aquele tucano, preso. Mas a fina primeira luz da manhã, com, dentro dela, o voo exato.

O hiato – o que ele já era capaz de entender como o coração. Ao outro dia seguinte. Aí, quando o pássaro, seu raiar, cada vez, era um brinquedo de graça. Assim como o sol: daquela partezinha escura no horizonte, logo fraturada em fulgor e feito a casca de um ovo – ao termo da achãada e obscura imensidão do campo, por onde o olhar da gente avançava como no estender um braço.

O Tio, entanto, diante dele, parou sem a qualquer palavra. O Menino não quis entender nenhum perigo. Dentro do que era, disse, redisse: que a Mãe nem nunca tinha estado doente, nascera sempre sã e salva! O voo do pássaro habitava-o mais. O bonequinho macaquinho quase caíra e se perdera: já estando com a carinha bicuda e meio corpo saídos do bolso, bisbilhotados! O Menino não lhe passara pito. A tornada do pássaro era emoção enviada, o guardava, no fugidir, de memória, em feliz voo, no ar sonoro, até à tarde. O de que podia se servir para consolar-se com, e descolorir-se, por escapar do aperto de rigor – daqueles dias quadriculados.

Ao quarto dia, chegou um telegrama. O Tio sorriu, fortíssimo. A Mãe estava bem, sarada! No seguinte – depois do derradeiro sol do tucano – voltariam para casa.

O desmedido momento

E, com pouco, o Menino espiava, da janelinha, as nuvens de branco esgarçamento, o veloz nada. Entretempo, se atrasava numa saudade, fiel às coisas de lá. Do tucano e do amanhecer, mas também de tudo, naqueles dias tão piores: a casa, a gente, a mata, o jeep, a poeira, as ofegantes noites – que se afinava, agora, no quase-azul de seu imaginar. A vida, mesmo, nunca parava. O Tio, com outra gravata, que não era a tão bonita, com pressa de

chegar olhava no relógio. Entrepensava o Menino, já quase na fronteira soporosa. Súbita seriedade fazia-lhe a carinha mais comprida.

E, quase num pulo, agonizou-se: o bonequinho macaquinho não estava mais em seu bolso! Não é que perdera o macaquinho companheiro!... Como fora aquilo possível? Logo as lágrimas lhe saltavam.

Mas, então, o moço ajudante do piloto veio trazer-lhe, de consolo, uma coisa: – “Espia, o que foi que eu achei, para Você.” – e era, desamarrotado, o chapeuzinho vermelho, de alta pluma, que ele, outro dia, tanto tinha jogado fora!

O Menino não pode mais atormentar-se de chorar. Só o rumor e o estar no avião o atontavam. Segurou o chapeuzinho sozinho, alisou-o, o pôs no bolso. Não, o companheirinho Macaquinho não estava perdido, no sem-fundo escuro no mundo, nem nunca. Decerto, ele só passeava lá, porventura e porvindouro, na outra-partem aonde as pessoas e as coisas sempre iam e voltavam. O Menino sorriu do que sorriu, conforme de repente se sentia: para fora do caos pré-inicial, feito o desenglobar-se de uma nebulosa.

E era o inesquecível de-repente, de que podia traspasar-se, e a calma, inclusa. Durou um nem-nada, como a palha se desfaz, e, no comum, na gente não cabe: paisagem, e tudo, fora das molduras. Como se ele estivesse com a Mãe, sã, salva, sorridente, e todos, e o Macaquinho com uma bonita gravata verde – no alpendre do terreirinho das altas árvores... e no jeep aos bons solavancos... e em toda-a-parte... no mesmo instante só... o primeiro ponto do dia... donde assistiam, em tempo-sobre-tempo, ao sol no renascer e ao voo, ainda muito mais vivo, entoante e existente – para do que não se acabava – do tucano, que vem comer frutinhas na dourada copa, nos altos vales da aurora, ali junto de casa. Só aquilo. Só tudo.

- “Chegamos, afinal!” – o Tio falou.

- “Ah, não. Ainda não...” – respondeu o Menino.

Sorria fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida.

Referências

ROSA, J.G. *Primeiras estórias*. Nova Fronteira, edição: 15ª.

HESÍODO. *Teogonia*.

KERENYI, Karl. *Hermes: Guide of Souls. The Mythologem of the Masculine Source of Life*. Translated from German by Murray Stein. Spring Publications, Inc. Dallas, Texas.

OTTO, Walter F. *The Homeric Gods: The Spiritual Significance of Greek Religion*.

OTTO, Walter F. *Dionysus: Myth and Cult*. Translated with an Introduction by Robert B. Palmer. Spring Publications, Inc. Dallas, Texas.

OVIDIO. *As Metamorfoses*.